



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Rua da Outra Rua', de Ruy Ventura]

Levi Condinho

Para citar este documento / To cite this document:

Levi Condinho, "[Recensão crítica a 'Rua da Outra Rua', de Ruy Ventura]", *Colóquio/Letras*, n.º 189, Maio 2015, p. 220-222.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

HOTEL ASTÓRIA, QUARTO 229
in memoriam

Há uma roda gigante que não pára, do outro lado do rio. Também a música ao vivo teima em continuar pela noite dentro, poluindo os arredores de Santa Clara e os lençóis inquietos onde já encontraste o sono.

*

Mas já só consigo pensar na roda pequena da vida, que ontem se deteve no corpo de um gato escuro, violentamente terno. Há ausências assim, impronunciáveis. Saber que a dor se irá tornando tolerável, que continuaremos a cumprir a breve sucessão dos dias, é tudo menos um consolo. Será, quando muito, um acréscimo de humilhação, o modo baixo como a vida nos obriga a aceitar o inaceitável.

*

Toquei ontem, pela última vez, na cauda fria de um gato. Chamava-se, neste mundo, Barnabé.

Parca nos efeitos do seu modo de resgate, a poesia nunca aqui serve de grande consolo. Ausências, perdas, desertos são recorrentes neste livro, como na generalidade dos livros que o precederam. Mesmo a poesia também surge como perda:

Talvez já me pertença, de pleno direito, a hora desta terrível pergunta: «Por quanto tempo poderemos amá-los, a esses jovens, sem os ofender?» Gostava de te falar de outro assunto, de encontrar um tema diferente para a poesia de que já não sou capaz. (55)

Este é um livro que regressa ao mesmo Vale de Santarém onde tudo começou, «entre Tejo e nada» (45). Constata numerosas perdas (o pai, a mãe, certos amigos, um gato escuro chamado Barnabé) e avalia o escasso sentido que une e desune a escrita e a vida recontada. Neste voltar

ao princípio, reata-se um auto-retrato: naquele sentido em que Derrida reivindica ser legítimo chamar auto-retrato a tudo quanto nos afecta ou a tudo o que deixamos que nos afecte². A escrita de Manuel de Freitas foi sempre a busca do próprio rosto, e também a narrativa dessa busca, levada a cabo não tanto diante do espelho quanto através dos muitos reflexos em que a vida nos devolve o olhar: lugares, acontecimentos, cidades, ruas, pessoas, a música, filmes como os de Tarkovski e de Béla Tarr, tão presentes neste livro. E os amigos. E Inês... E num inconformado sobressalto, a lembrança da morte, sempre «inaceitável» (56). E uma atenção constante às pequenas epifanias — porque «vita brevis breviter in brevi finietur», como avisava um *virelai* do *Llibre Vermell de Montserrat*.

Rosa Maria Martelo

NOTAS

[A Autora segue a antiga ortografia.]

- ¹ Manuel de Freitas, *A Nova Poesia Portuguesa*, Lisboa, Poesia Incompleta, 2010, p. 9.
- ² Jacques Derrida, *Mémoires d'Aveugle. L'autoportrait et autres ruines*, Paris, Editions de la Réunion des Musées Nationaux, 1990, p. 68.

Ruy Ventura

RUA DA OUTRA RUA

Lumme Editor, São Paulo / 2014

Ao fim de catorze anos de atividade poética com edições em livro, seis obras publicadas e algumas traduzidas para castelhano, inglês e alemão, Ruy Ventura vê agora editada no Brasil uma antologia da sua poesia, brilhantemente prefaciada por António Carlos Cortez num texto intitulado «Ruy Ventura: apresentação de um poeta português ao leitor brasileiro de poesia». Aí, Cortez circunstancia a obra do poeta no contexto de alguma da me-

lhor poesia portuguesa de autores revelados entre nós nos primeiros catorze anos do século XXI. No entanto, essa contextualização não deixa de, didaticamente, diríamos, enumerar dezasseis poetas que, após a morte de Fernando Pessoa, considera os nomes maiores do «século de oiro» (aspas de Cortez) da nossa poesia: o século XX.

Os poemas escolhidos por Ruy Ventura para esta antologia foram, entretanto, revistos e reelaborados, surgindo todos eles como prosopoemas, o que, ao contrário do que poderia supor-se, mais os enriquece e densifica, tornando-os organicamente senhores de uma «esquelética robustez», na expressão do próprio autor em entrevista concedida a José do Carmo Francisco para a revista eletrónica *Inefável*, dirigida por Pedro Silva Sena.

No n.º 176 de *Colóquio/Letras* (2011), fui autor de uma recensão dedicada a *Instrumentos de Sopra*, de 2010. Aí, apontava em Ruy Ventura a apurada ciência da linguagem e a laboriosa reflexão sobre a mesma, enformada por uma vasta e eclética cultura, fazendo ressaltar dois tópicos fundadores da sua poética: a) o elementarismo; b) a religião/religação. Hoje, nada altero ao que escrevi, e, se acaso o fizesse, seria para mais alargar e magnificar muitos dos aspetos que forçosamente ficam por destacar na brevidade de uma recensão. Se, por exemplo, aí conotei a coesão orgânica do elementarismo em Ruy Ventura com poéticas como as de Carlos de Oliveira ou de Nuno Guimarães, agora teria decerto de servir-me da lucidez de António Carlos Cortez quando, além da «pesquisa verbal» (Carlos de Oliveira), refere as dimensões «alquímica» (Herberto Helder), «esotérica» (Fiama) e «associativa ou surrealizante» (Cesariny), além da «voz silenciosa» de Manuel Gusmão, entre outras vozes ecoantes em vários espaços e tempos. E não é

possível olvidar o manancial contagiante (também para Ruy Ventura) daquele que coube/não coube na Terra, *Toda a Terra*: Ruy Belo — e Ventura grafa o seu Ruy com *y* em homenagem ao génio desse que tanto se maravilhou com todas as grandes e pequenas coisas do vasto mundo. Também esse maravilhamento emerge continuamente em Ruy Ventura, evitando aí o que seria o lirismo fácil, economizando no verbo, convocando «A terra — reunindo água, a angústia ou uma alegria» (p. 32 — não indico o livro de procedência, pois tomo a obra como uma espécie de «poema contínuo»).

Num balanceamento e numa transição omnipresentes entre o mundo sensorial e o universo metafísico (aqui incluídos, é claro, o místico-religioso, o filosófico, o imaginante, algum onírico), o poeta declara como opção uma fidelidade ao valor de uma conduta intransigente contra a crescente (e aterradora) desvalorização mercantil/publicitária do sagrado — ou mesmo do profano quando ainda investido e assente na nobreza antiga do mundo: «A solenidade acompanha-nos» (29), num tempo em que «trasladaram o trigo e o fermento com que fui diminuindo a minha sede. Só não quiseram levar o calor do vinho eterno. A barca era demasiado estreita» (58). Note-se aqui a recorrente linguagem de eco bíblico, sobretudo de sinalética cristã, tal como, por exemplo, em «O sal acompanha o baptismo. Na terra e na boca» (27).

Constantes na obra de Ruy Ventura são as *invasões*, as inesperadas *intromissões* de fluxos aparentemente inconciliáveis que, na ordem do texto, acabam por clarificar a dialética entre fenómeno e ciência da linguagem: «O relógio põe vírgulas nesta frase. A pontuação que resta vem de algumas gotas de chuva. Regam a angústia. Escondendo-a — porque não me pertence» (30). O texto é materialmente invadido

pelo tempo e pela natureza, ocorrendo então uma síntese existencial (angústia) que o poeta recusa como sua, pois ela pertence ao domínio do universal.

Na verdadeira paixão substantivante (mais do que adjetivante) das múltiplas coisas amadas, contempladas, penetradas («Tudo está em tudo. Tudo nos pertence», p. 44) ressalta como uma evidência a invocação da *casa*, da casa com seus dispositivos arquiteturais e funcionais, seus órgãos visíveis — e energias invisíveis —, seus objetos, seus entes/habitantes, livros, sempre os livros, vestígios, vozes, mistérios. E, no seio da casa, o quarto, que é «para todos os efeitos, a casa — astro e mirante correspondendo ao esquecimento, alimentação do texto, da identidade, síntese da habitação, ilha, tempestade, notícia, relógio, de passagem entre o mar e a auto-estrada» (36). Casa/quarto/mirante, local privilegiado de recolhimento e atenção, mas tendo sempre em vista que «não consigo esquecer a estrada em frente» (25). Sobre a solidez da pedra, do material concreto, o desafio da demanda em sonho: «Esta mão não escreve. Vagueia» (31).

Finalizo esta síntese forçosamente aleatória, esclarecendo que em Carreiras (Portalegre), terra natal de Ruy Ventura, existe de facto uma rua denominada «Rua da Outra Rua», conforme explica o poeta na referida entrevista a José do Carmo Francisco, acrescentando que «a rua deixa de ser rua ao transformar-se noutra lugar de circulação, tendo em conta a quase total homofonia com o termo *ruah*, que significa 'sopro', 'vento', 'aragem', mas sobretudo, na tradição judaico-cristã, o Espírito Santo».

«Que tinta bebeste no corpo da serpente?» (63). Eis a interrogação de cariz alquimista que nos deixa este poeta que também sabe que «é difícil (talvez impossível) compreender a linguagem das

formas, mesmo que a verdura dos pinheiros nos introduza na minuciosa ordem do ritmo e do crescimento» (38).

Levi Condinho

Rui Lage

RIO TORTO

Lisboa, Língua Morta / 2014

«Naquele ainda não perdido paraíso» — é este o verso inicial de «Sinfonias de Bolso», um dos poemas que integram a última recolha de Rui Lage, *Rio Torto*. Lido no enquadramento dos dois títulos referidos (o do poema e o da recolha), ele poderá sintetizar na perfeição este pequeno e belo livro, cujo gesto central é o do recuo, ao mesmo tempo lírico e crítico, a uma infância rural, tão luminosa e direita como perdida nos meandros do rio. Como em livros anteriores de Rui Lage, em particular no excelente *Corvo* (2008), o paraíso perdido é Trás-os-Montes (o rio Torto, convém lembrar, é um afluente do Douro), aqui retratado numa série tematicamente unificada de poemas curtos, pequenos quadros do quotidiano familiar e rural que a memória adulta recria numa distância terna e irónica, sinfonias de bolso e de bolsos infantis, que têm o rio e a aldeia como horizonte. Um rio que é ao mesmo tempo espaço real e simbólico, ou lúdico, bucólico e torto.

No poema referido, evocação explícita do paraíso «onde pêras e figos tentavam», descem as crianças para o rio com (e como) um bando de patos, «às mãos consentindo a festa na seda dos pescoços», porque «algo lhes dizia que não seriam depenados / e comidos com arroz. / Não, pelo menos, nesse dia». Mas implicitamente todos os restantes poemas seguem o rasto desse paraíso infantil, numa arqueologia da memória que recupera objetos, pessoas e espaços perdidos, sempre